

## A cristianização da Núbia

K. MICHALOWSKI

Dois fatores explicam, basicamente, tanto a estrutura social quanto a história da Núbia no período cristão: de um lado, a decadência do reino de Méroe, que ocupara o território do século III antes da era cristã até o século III da era cristã; de outro, a romanização e posterior cristianização do Egito, seu vizinho do norte.

À queda do reino de Méroe seguiu-se uma longa série de lutas, culminando com a expulsão dos Blêmios (Bega ou Buga) para o deserto oriental, e o controle do vale do Nilo pelos Nobatas. Formou-se, assim, ao norte, o Estado nobata, entre a Primeira Catarata e o Dal (região que fica entre a Segunda e a Terceira Catarata).

Dispomos hoje de muitas informações sobre este período da história núbia graças às escavações realizadas por missões internacionais, como parte de uma campanha para preservação dos monumentos da Núbia.

Em Faras, a missão polonesa obteve provas de que a antiga Pakhoras era a capital dos Nobatas, no período final de seu reino. Lá se encontrava o palácio real, mais tarde transformado na primeira catedral<sup>1</sup>.

Pelos vestígios encontrados, percebe-se a profunda diferença que havia entre os padrões de vida na sociedade dessa época. As massas eram relativamente pobres. Devido à extrema simplicidade dos seus "cemitérios", o arqueólogo americano G. A. von Reisner<sup>2</sup>, ao descobrir essa civilização, designou-a meramente por "cultura do Grupo X", à falta de uma definição histórica mais precisa. Contrastando com o baixo nível de vida do povo, as classes governantes, os príncipes, a corte, cultivavam as tradições de arte e cultura dos meroítas. Como resíduos representativos dessa fina camada superior da sociedade, temos o já mencionado palácio real em Faras e a luxuosa mobília funerária dos famosos túmulos de Ballana, descobertos em 1935 por W. B. Emery<sup>3</sup>.

Só recentemente se esclareceu a interdependência das culturas de Ballana e do Grupo X<sup>4</sup>. Até pouco tempo atrás, havia ainda controvérsia entre os peritos. Alguns consideravam o Grupo X um enigma<sup>5</sup> na história da Núbia,

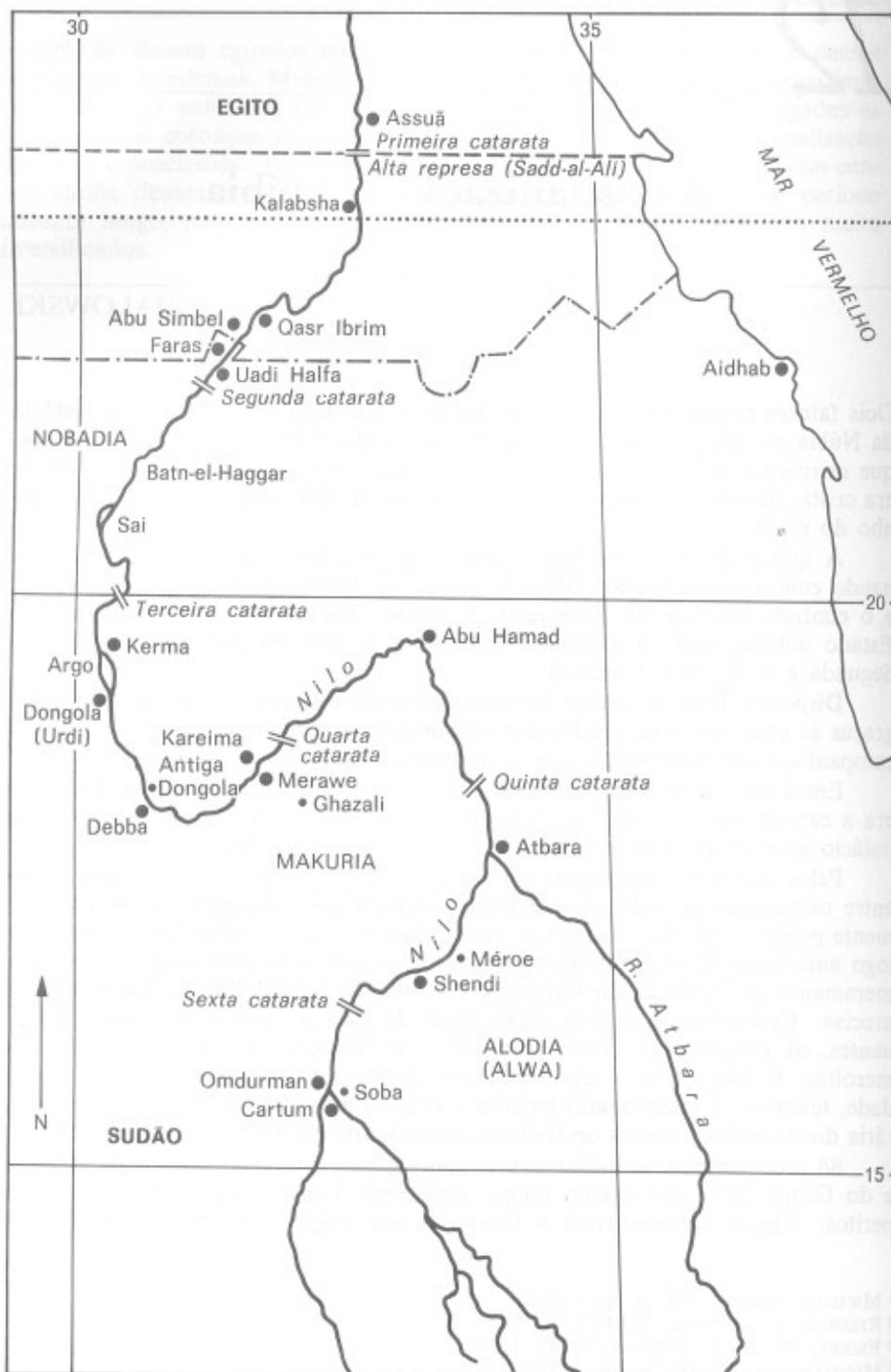
<sup>1</sup> MICHALOWSKI, K. 1967-b. pp. 49-52.

<sup>2</sup> REISNER, G. A. von. 1910-27. p. 345.

<sup>3</sup> EMERY, W. B. & KIRWAN, L. P. 1938.

<sup>4</sup> MICHALOWSKI, K. 1967-a. pp. 194-211.

<sup>5</sup> KIRWAN, L. P. 1963. pp. 55-78.



O Nilo da Primeira à Sexta Catarata. (Mapa fornecido pelo autor.)

atribuindo aos Blêmios<sup>6</sup> os túmulos de Ballana e à cultura meroíta<sup>7</sup> tardia os outros objetos do mesmo período. Havia também quem chamasse “civilização de Ballana”<sup>8</sup> a todo o período.

Foi durante as escavações polonesas em Faras que se descobriu, sob o palácio real, uma igreja cristã de tijolos crus, construída provavelmente antes do século V. É verdade que essa datação remota foi recentemente contestada<sup>9</sup>, mas o fato é que havia túmulos cristãos<sup>10</sup> entre as sepulturas do Grupo X e que lâmpadas a óleo cristãs, bem como cerâmica decorada com grafitos em forma de cruz, foram encontradas em camadas do Grupo X na ilha de Mejnarti<sup>11</sup>. Isso prova que a fé cristã já alcançara os Nobatas, ganhando adeptos entre os pobres, muito antes que a imperatriz Teodora de Bizâncio enviasse a missão chefiada pelo padre Juliano para cristianizar oficialmente a Núbia. Outra prova da penetração precoce da fé cristã entre os núbios são os mosteiros e eremitérios existentes na região desde o fim do século V<sup>12</sup>. Podemos, pois, afirmar tranquilamente que a religião cristã já se infiltrara aos poucos na Núbia bem antes da sua conversão oficial — que ocorreu, segundo João de Éfeso<sup>13</sup>, em 543.

Muitos fatores contribuíram para essa cristianização precoce do reino nobata. Não apenas o Império Romano, ainda hostil ao cristianismo no século III, mas também o próprio Império Cristão dos séculos IV, V e VI perseguiram todos quantos desobedecessem às injunções oficiais em assunto de religião. Por isso, talvez, muitos egípcios ou mesmo núbios fugissem do Egito, trazendo sua fé aos Nobatas do sul de Assuã. Caravanas de mercadores, atravessando Assuã rumo ao sul, também traziam, além do comércio, suas crenças religiosas. Não foi menos importante o papel da diplomacia: nos séculos V e VI, Bizâncio ansiava por uma aliança com Axum contra a ameaça persa no mar Vermelho; em 524, um tratado formal permitia que Blêmios e Nobatas participassem de uma expedição projetada ao Iêmen. Durante tantos contatos e transações, os padres certamente não ficavam inativos.

Na verdade, quando a imperatriz Teodora enviou à Núbia o padre Juliano, em 543, apenas os reis do país foram batizados segundo o ritual monofisita. A maior parte do povo há muito que se deixara seduzir pela nova fé, sob a influência do Egito cristão. No século VI já existia às margens do Nilo, num bairro afastado, uma igreja para atender à comunidade cristã dos humildes. Para os soberanos nobatas, a conversão ao cristianismo foi um importante ato político: nessa época eles já não tinham uma ideologia religiosa bem definida que lhes garantisse a submissão do povo e, por outro lado, o cristianismo vinha abrir-lhes as portas do Egito, onde os bispos residiam desde o século IV, na

<sup>6</sup> EMERY, W. B. 1965. pp. 57-90.

<sup>7</sup> GRIFFITH, F. L. 1926. p. 21 et seq.

<sup>8</sup> TRIGGER, B. G. 1965. p. 127.

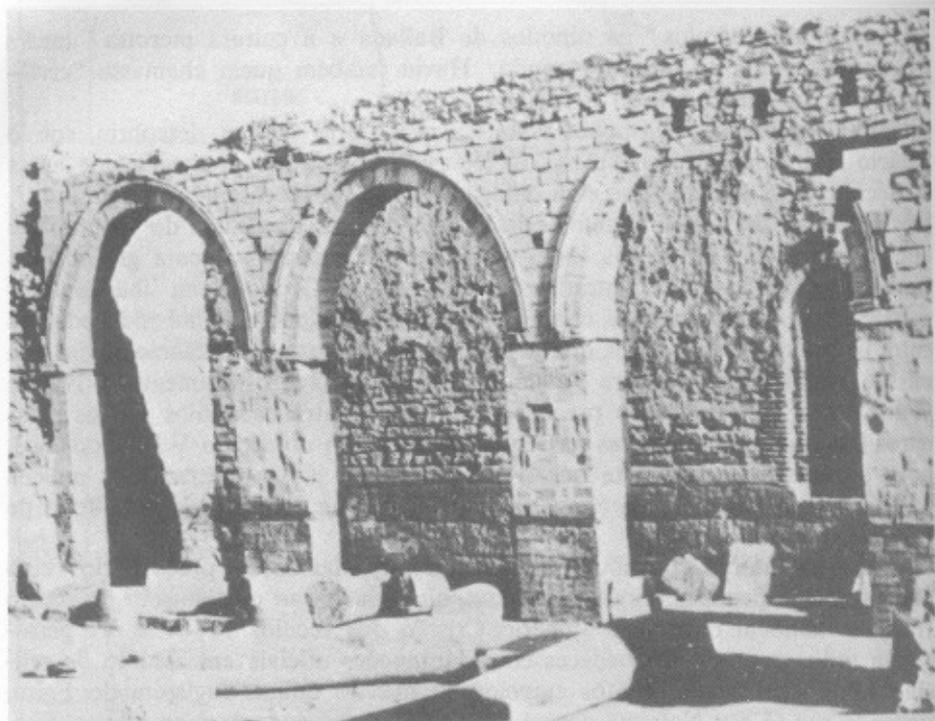
<sup>9</sup> GROSSMAN, P. 1971. pp. 330-50.

<sup>10</sup> SÄVE-SÖDERBERGH, T. 1963. p. 67.

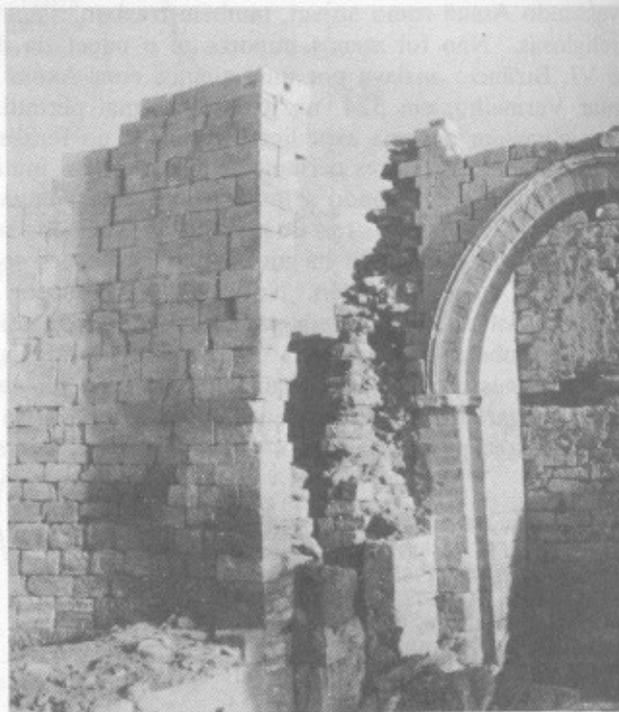
<sup>11</sup> ADAMS, W. Y. 1965-a. p. 155; 1965-b. p. 172.

<sup>12</sup> JAKOBIELSKI, S. 1972. p. 21.

<sup>13</sup> KIRWAN, L. P. 1939. pp. 49-51.



1. Arcadas da fachada leste da igreja de Qasr Ibrim. (Foto fornecida pelo dr. Gamal Mokhtar.)
2. Catedral de Faras. (Foto Museu Nacional de Varsóvia.)



ilha de Filas<sup>14</sup>. Através do Egito, os núbios teriam acesso ao Mediterrâneo e ao centro da civilização da época — Bizâncio.

O reino da Nobadia (Nuba, em árabe) estendia-se desde Filas até a Segunda Catarata e tinha por capital Faras. No século VI, outro reino núbio se desenvolveu até o sítio da antiga Méroe, sendo mais tarde chamado de Makuria (Muqurra, em árabe). Sua capital era a Antiga Dongola (Dungula, em árabe). Ao contrário da Núbia setentrional, que adotara a doutrina monofisita, Makuria foi convertida à ortodoxia melquita em 567-70<sup>15</sup>, pela missão que lhe enviara o imperador Justino II.

Depois de 1964, quatro igrejas e o palácio real cristão desse reino foram identificados nas escavações polonesas<sup>16</sup>. Um dos edifícios data do fim do século VII ou princípio do VIII; por baixo dele, encontraram-se os restos de uma igreja ainda mais antiga, de tijolos crus. Não era a catedral, mas contava cinco naves e dezesseis colunas de sustentação, com 5,2 m de altura. A magnitude desses vestígios leva a crer na veracidade histórica das entusiásticas descrições feitas por um viajante árabe no século XI: Dongola era certamente uma capital importante, ao menos por seus monumentos.

Finalmente, entre 660 e 700, também os Makuritas adotaram a doutrina monofisita, fato que não deixou de ter importantes conseqüências.

Ao sul, na região da Sexta Catarata, formou-se o terceiro Estado cristão da Núbia: Alodia (Alwa, em árabe), cuja capital, Soba, não ficava muito longe da atual Cartum.

Por volta de 580, com o apoio dos Nobatas, chegava a Alodia uma missão bizantina, mas seu chefe, o bispo Longino, verificou que o país já estava em parte convertido pelos axumitas. Temos, portanto, ao fim do século VI, uma Núbia já cristã, composta de três reinos: Nobadia, ao norte; Makuria, no centro, e Alodia, ao sul. As relações entre os três ainda não estão bem definidas, pelo menos durante o início de sua existência autônoma<sup>17</sup>.

Ainda há pouco tempo, a história da Núbia cristã era estudada como parte da egiptologia ou da história antiga e paleocristã, ligando-se mais especialmente à história do Egito copta. Tudo quanto se sabia sobre a Núbia cristã estava contido no trabalho fundamental de Ugo Monneret de Villard<sup>18</sup>. Em quatro volumes sobre a Núbia medieval<sup>19</sup>, esse autor publicou um material ilustrativo bastante rico para a época e ainda hoje muito valioso para a pesquisa de numerosos detalhes. Embora escrevesse sobre descobertas arqueológicas, perscrutou também textos de autores árabes, dos quais muitos constituem a única fonte de informação, até agora, sobre fatos importantes da história da Núbia e sobre a cronologia de seus reis. Entre os manuscritos mais notáveis estão os de Al-Yaqubi (874), Al-Mas'udi (956), Ibn Hawqal (c. 960),

<sup>14</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938; MUNIER, H. 1943. p. 8 et seq.

<sup>15</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938. p. 64; KIRWAN, L. P. 1966. p. 127.

<sup>16</sup> MICHALOWSKI, K. 1966. pp. 189-299; id. 1969. pp. 30-3; JAKOBIELSKI, S. & OSTRASZ, A. 1967; JAKOBIELSKI, S. & KRZYZANIAK, L. 1967; MICHALOWSKI, K. 1969. pp. 163-6; JAKOBIELSKI, S. 1970. p. 167 et seq., pp. 70-5; MARTENS, M. 1973. pp. 263-71; JAKOBIELSKI, S. 1975-b. pp. 349-60.

<sup>17</sup> ADAMS, W. Y. 1965. p. 170.

<sup>18</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938.

<sup>19</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1935-57.

Selim al-Aswani (c.970), Abu Salih (c.1200), al-Makin (1272), Ibn Khal-dun (1342-1406) e principalmente Maqrizi (1364-1442)<sup>20</sup>.

Desde a pesquisa de Monneret de Villard, vêm-se acumulando os achados arqueológicos, principalmente a partir da "campanha da Núbia" (1960-65), organizada pela Unesco com o objetivo de explorar os terrenos que seriam inundados pelas águas do Nilo retidas na barragem de Sadd-al-Ali. Em alguns lugares da Núbia setentrional a subida das águas foi tão lenta que permitiu o prosseguimento das escavações até 1971; em Qasr Ibrim, região não inundada, a pesquisa continua até hoje.

Os resultados das últimas investigações, muitos de valor excepcional, puse-ram novamente em foco os problemas da Núbia cristã. Publicaram-se os primeiros relatórios sobre os resultados das pesquisas: no *Kush* (Núbia sudanesa) e nos *Anais do Serviço de Antiguidades do Egito* (Núbia egípcia). Alguns relatórios forneceram matéria para séries de publicações independentes<sup>21</sup>. Novos trabalhos de síntese surgiram, e os grupos de estudo deslocaram-se para regiões ao sul da área ameaçada pelas águas.

Uma nova abordagem do problema do cristianismo na Núbia deve-se a W. Y. Adams (especialmente quanto à classificação de cerâmica)<sup>22</sup>, B. Trigger<sup>23</sup>, L. P. Kirwan<sup>24</sup>, P. L. Shinnie<sup>25</sup>, J. M. Plumley<sup>26</sup>, K. Michalowski<sup>27</sup>, S. Jakobielski<sup>28</sup> e W. H. C. Friend<sup>29</sup>. Merecem particular atenção as informações detalhadas que J. Leclant<sup>30</sup> publica anualmente em *Orientalia* sobre as mais recentes descobertas na Núbia.

Em 1969, realizou-se na Villa Hugel, em Essen, o primeiro simpósio sobre a Núbia cristã. Reuniram-se muitos dados — em parte hipotéticos —, que foram depois publicados em separata sob a orientação de E. Dinkler<sup>31</sup>. Em 1972, tinha lugar em Varsóvia o segundo simpósio, cujos resultados foram editados em 1975<sup>32</sup>.

Embora a Núbia não pertencesse, como o Egito, ao Império Bizantino, havia entre ambos um laço específico, criado pelas missões dos padres Juliano e Longino. A organização do governo núbio era calcada diretamente sobre a burocracia bizantina, conforme revela a própria nomenclatura. É certo que, ao invadirem o Egito em 616, os persas detiveram-se na fronteira da Núbia;

<sup>20</sup> Recentemente, uma lista dos mais importantes textos árabes e cristãos sobre a história da Núbia cristã foi levantada por VANTINI, G.

<sup>21</sup> SÄVE-SÖDERBERGH, T. 1970; ALMAGRO, M. 1963-5; MICHALOWSKI, K. 1965-c.

<sup>22</sup> ADAMS, W. Y. 1961. pp. 7-43; id. 1962-a. pp. 62-75; id. 1962-b. pp. 245-88; ADAMS, W. Y. & NORDSTRÖM, H. A. 1963. pp. 1-10; ADAMS, W. Y. 1964-a. pp. 227-47; id. 1965-a. pp. 148-76; id. 1965-b. pp. 87-139; id. 1966-a. pp. 13-30; id. 1968. pp. 194-215; id. 1967. pp. 11-19; SÄVE-SÖDERBERGH, T. 1970. pp. 224, 225, 227, 232, 235; id. 1972. pp. 11-17.

<sup>23</sup> TRIGGER, B. G. 1965. pp. 347-87.

<sup>24</sup> KIRWAN, L. P. 1966. pp. 121-8.

<sup>25</sup> SHINNIE, P. L. 1965. pp. 263-73; id. 1971-a. pp. 42-50.

<sup>26</sup> PLUMLEY, J. M. 1970. pp. 129-34; id. 1971. pp. 8-24.

<sup>27</sup> MICHALOWSKI, K. 1965-a. pp. 9-25; id. 1967-b. pp. 194-211; id. 1966-b.

<sup>28</sup> JAKOBIELSKI, S. 1972.

<sup>29</sup> FRIEND, W. H. C. 1968. p. 319; id. 1972-a. pp. 224-9; id. 1972-b. pp. 297-308.

<sup>30</sup> LECLANT, J. 1954.

<sup>31</sup> MICHALOWSKI, K. 1975.

<sup>32</sup> MICHALOWSKI, K. 1975.

mas existem evidências de que o reino núbio do norte foi invadido por destacamentos sassânidas acampados ao sul da Primeira Catarata. De qualquer modo, a ocupação de Cósroes II pôs fim às comunicações diretas entre a Núbia e o Egito, que nessa época já era cristão, interrompendo os contatos entre o clero núbio e o patriarcado de Alexandria, oficialmente responsável pela Igreja da Núbia. Em 641 o Egito caía sob o poder dos árabes e, durante séculos, a Núbia cristã permaneceu isolada da cultura mediterrânica.

A princípio, os árabes não deram grande importância à conquista da Núbia, limitando-se a incursões armadas nas terras do norte. Uma vez submetido o Egito, assinaram com a Núbia um tratado (*baqt*) que obrigava os núbios a um tributo anual de escravos e mercadorias em troca de uma quantidade razoável de roupas e alimentos que os árabes se comprometiam a fornecer-lhes. Durante os sete séculos de independência da Núbia cristã, o tratado foi respeitado, em princípio, por ambas as partes. Alguns choques ocasionais, como o ocorrido logo após a assinatura do *baqt*, em 651-2, quando o emir Abdallah ibn Abi Zar penetrou até Dongola, não impediram que se mantivesse entre a Núbia e o Egito muçulmano um comércio constante<sup>33</sup>.

Foi sem dúvida por causa das primeiras escaramuças entre núbios e árabes do Egito que dois reinos núbios, o do norte e o do centro, se uniram num só Estado. Baseando-se em fontes árabes, mais antigas, Maqrizi afirma que, em meados do século VII, o mesmo rei, Qalidurut<sup>34</sup>, governava a Núbia setentrional e central, até os limites de Alodia. Já as fontes cristãs parecem provar que a união da Núbia foi obra do rei Merkurios, que subiu ao trono em 697 e fez de Dongola a capital do reino unido. A este rei se atribui a introdução do monofisismo em Makuria.

A questão do monofisismo na Núbia ainda não está bem clara, especialmente no que concerne às relações do reino com a Igreja ortodoxa melquita. É possível que o rito melquita persistisse, de certa forma, no interior do reino. Sabe-se, efetivamente, que ainda no século XIV a província de Maris, ou seja, o antigo reino da Núbia setentrional, pertencia à diocese de um bispo melquita que, como metropolita residente em Tafa, controlava a Núbia toda. Por outro lado, a não ser durante o século VIII, Alexandria teve sempre dois patriarcas: um monofisita e outro melquita<sup>35</sup>.

A união dos dois reinos núbios resultou em grande progresso político e econômico. A Merkurios sucedeu o "grande" rei Kyriakos, a quem estavam subordinados trinta governadores. Como os faraós do Egito, também os reis da Núbia eram altos sacerdotes. Além de poder intervir em matéria de religião, desempenhavam certas funções religiosas — com a condição de não manchar as mãos com sangue humano<sup>36</sup>.

Ao saber que um governador omíada aprisionara o patriarca de Alexandria, o rei Kyriakos usou desse pretexto para atacar o Egito e penetrar até al-Fustat<sup>37</sup>. Libertado o patriarca, retornaram os núbios a seu país. Isso

<sup>33</sup> ADAMS, W. Y. 1965-c. p. 173.

<sup>34</sup> MICHALOWSKI, K. 1967-b.

<sup>35</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938. pp. 81, 158-9; SHINNIE, P. L. 1954-a. p. 5.

<sup>36</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938. p. 99.

<sup>37</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938. p. 98.

demonstra que a Núbia não se limitava estritamente à defesa, mas tomava também a ofensiva contra o Egito muçulmano.

Descobriram-se recentemente em Qasr Ibrim alguns papiros importantes para o esclarecimento das relações entre o Egito e a Núbia durante esse período. Trata-se de uma correspondência entre o rei da Núbia e o governador do Egito: do texto mais longo, datado de 758, consta um protesto escrito em árabe por Musa K'ah Ibn Uyayna contra os núbios que desrespeitavam o *baqt*<sup>38</sup>.

As expedições militares não são, porém, as únicas evidências de que o Estado núbio já florescia no início do século VIII. Há testemunhos arqueológicos do extraordinário desenvolvimento da arte, da cultura, da arquitetura monumental núbio a esse tempo. Em 707, o bispo Paulos reconstruiu a catedral de Faras, decorando-a com esplêndidos murais<sup>39</sup>. Durante o mesmo período, importantes edifícios religiosos foram construídos na antiga Dongola<sup>40</sup>, e outras igrejas foram cobertas de magníficas pinturas, como em Abdallah Nirqui<sup>41</sup> e es-Sebua<sup>42</sup>. A partir dessa época a pintura mural aparece em todos os locais de cerimônia.

Quanto ao cristianismo entre as classes humildes, tanto as escavações recentes como as que foram realizadas em sítios conhecidos há algum tempo revelam até que ponto ele estava difundido nas aldeias, já no século VIII<sup>43</sup>.

Foi provavelmente em fins do século VIII e princípios do IX que o rei Yoannes anexou ao reino unido da Núbia a província meridional de Alodia<sup>44</sup>.

O período cristão, na Núbia, foi marcado por grande progresso econômico. Só na região setentrional, a população chegou a cerca de 50 mil pessoas<sup>45</sup>. Com a *saqia* (roda d'água), introduzida no período ptolomaico e romano, era possível o aproveitamento das terras entre as enchentes do Nilo, muito abundantes nessa época<sup>46</sup>: cultivava-se o trigo, a aveia, o sorgo, a vinha. Nas plantações de tamareiras, as fartas colheitas contribuía para elevar o nível de vida. Aumentara o comércio com as nações vizinhas, estendendo-se mesmo aos países mais distantes. Makuria vendia marfim para Bizâncio, cobre e ouro para a Etiópia. Caravanas de mercadores, em camelos ou em barcos a remo, penetravam até o coração da África, onde ficam hoje a Nigéria e Gana.

<sup>38</sup> PLUMLEY, J. P. & ADAMS, W. Y. 1974. pp. 237-8; MOORSEL, P. Van, JACQUET, J. & SCHNEIDER, H. 1975.

<sup>39</sup> MICHALOWSKI, K. 1964. pp. 79-94; LECLANT, J. & LEROY, J. 1968. pp. 361-2; HINTZE, F. & U. 1968. pp. 31-3, figs. 140-7; WEITZMANN, K. 1970. pp. 325-46; GOLGOWSKI, T. 1968. pp. 293-312; MARTENS, M. 1972. pp. 207-50; id. 1973; MICHALOWSKI, K. 1974.

<sup>40</sup> Ver nota 16 acima.

<sup>41</sup> KLASSENS, A. 1964. pp. 147-56; MOORSEL, P. Van. 1967. pp. 388-92; id. 1966. pp. 297-316; id. *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*. Barcelona, 1972. pp. 349-95; id. 1970. pp. 103-10.

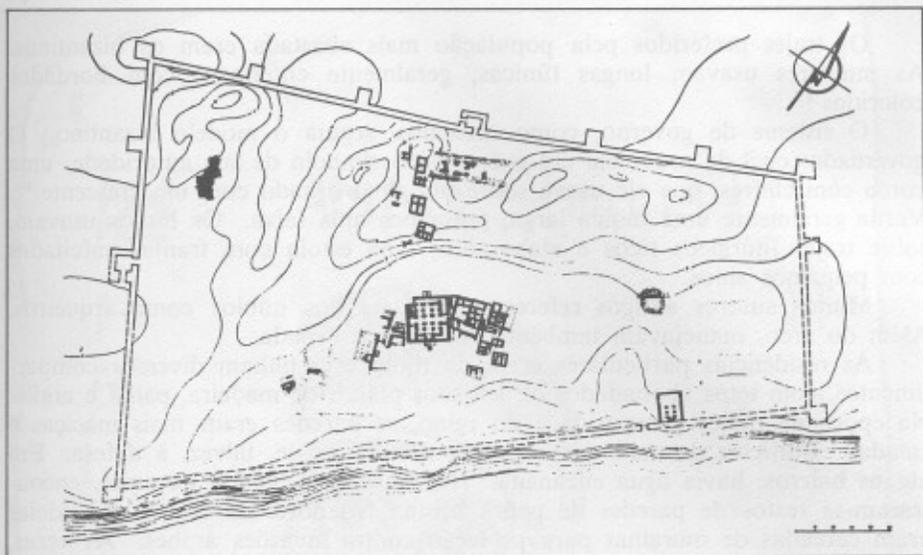
<sup>42</sup> DAUMAS, F. Cairo, 1967. p. 40 et seq.; id. 1965. pp. 41-50.

<sup>43</sup> VERCOUTTER, J. 1970. pp. 155-60.

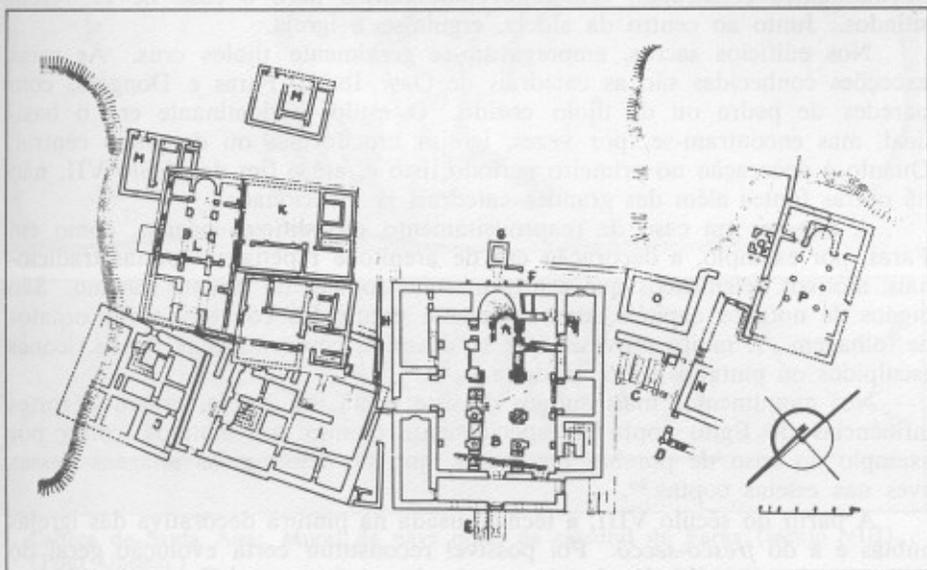
<sup>44</sup> MONNERET DE VILLARD, U. 1938. p. 102; MICHALOWSKI, K. 1965-a. p. 17.

<sup>45</sup> TRIGGER, B. G. 1965. p. 168.

<sup>46</sup> TRIGGER, B. G. 1965. p. 166.



3



4

3. Planta geral do sítio no interior das muralhas. No meio: o Grande Kom; no alto, à esquerda: vestígios da Grande Igreja; embaixo, à direita: a Igreja da Porta do Rio.
4. Edifícios cristãos descobertos pela expedição polonesa (1961-1964).
- 4.a. Igreja de tijolo; 4.b. a catedral; 4.c. túmulos de bispos dos séculos VIII e IX; 4.d. pilar sustentando a cruz; 4.e. túmulos de bispos do século X; 4.f. capelas comemorativas de Yoannes; 4.g. túmulos de Yoannes; 4.h. corredor norte; 4.i., 4.j. antigo mosteiro e palácio; 4.k. mosteiro norte; 4.l. igreja do mosteiro; 4.m. casas; 4.n. residência do bispo (provavelmente um mosteiro); 4.o. edifício não identificado; 4.p. igreja sobre a encosta sul de Kom; 4.q. túmulo do bispo Petros.

Os trajes preferidos pela população mais abastada eram os bizantinos. As mulheres usavam longas túnicas, geralmente enfeitadas com bordados coloridos <sup>47</sup>.

O sistema de governo, como dissemos, seguia o modelo bizantino. O governador civil da província era o eparca; o símbolo de sua autoridade, uma coroa com chifres, que ele usava sobre um elmo ornado com um crescente <sup>48</sup>. Vestia geralmente uma túnica larga, presa por uma faixa. Os bispos usavam, sobre trajes litúrgicos ricos e elaborados, uma estola com franjas enfeitadas com pequenos sinos.

Muitos autores antigos referem-se à fama dos núbios como arqueiros. Além do arco, manejavam também o dardo e a espada.

As residências particulares eram de tijolo cru; tinham diversos compartimentos, com tetos abobadados ou telhados planos de madeira, palha e argila. Na época de maior prosperidade do reino, as paredes eram mais maciças e caiadas. Edifícios de mais de um andar destinavam-se, talvez, à defesa. Em alguns bairros, havia água encanada. Nas ilhas da Segunda Catarata, encontraram-se restos de paredes de pedra bruta. No norte da Núbia, as aldeias eram cercadas de muralhas para proteção contra invasões árabes. Às vezes, os habitantes construíam armazéns comunitários para o caso de se verem sitiados. Junto ao centro da aldeia, erguia-se a igreja.

Nos edifícios sacros, empregavam-se geralmente tijolos crus. As raras exceções conhecidas são as catedrais de Qasr Ibrim, Faras e Dongola, com paredes de pedra ou de tijolo cozido. O estilo predominante era o basilical, mas encontram-se, por vezes, igrejas cruciformes ou de plano central. Quanto à decoração no primeiro período, isto é, até o fim do século VII, não há outras fontes além das grandes catedrais já mencionadas.

A não ser em caso de reaproveitamento de edifícios pagãos, como em Faras, por exemplo, a decoração era de arenito e repetia as volutas tradicionais, motivos helenísticos que a arte meroíta copiara do oriente romano. São dignos de nota os capitéis admiravelmente esculpidos com volutas e ornatos de folhagem. É muito provável que se usassem, como imagens rituais, ícones esculpidos ou pintados sobre madeira.

Nos monumentos mais antigos da arte cristã, na Núbia, notam-se fortes influências do Egito copta <sup>49</sup>, especialmente quanto aos motivos, como por exemplo no friso de pombas ou águias, que faz lembrar as imagens dessas aves nas estelas coptas <sup>50</sup>.

A partir do século VIII, a técnica usada na pintura decorativa das igrejas núbias é a do *fresco-secco*. Foi possível reconstituir certa evolução geral do estilo na pintura núbia <sup>51</sup>, depois que se descobriram, em Faras, de 1961 a 1964, 120 murais perfeitamente conservados. Neles apareciam os bispos cujos nomes e tempo de episcopado constavam da Lista dos Bispos. As deduções

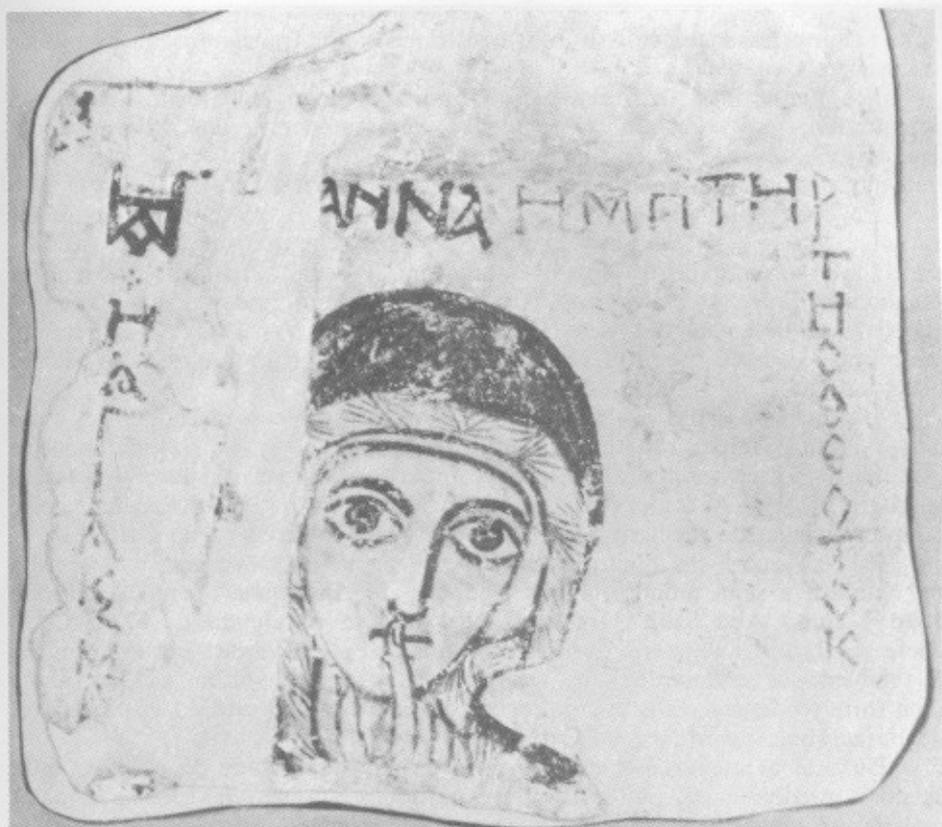
<sup>47</sup> HOFMANN, I. 1967. pp. 522-92.

<sup>48</sup> MICHALOWSKI, K. 1974. pp. 44.5.

<sup>49</sup> DU BOURGUET, P. 1964-b. p. 221 et seq.; WESSEL, K. 1964. p. 223 et seq.; id. 1963; DU BOURGUET, P. 1964-a. pp. 25-48.

<sup>50</sup> PLUMLEY, J. M. 1970. pp. 132-3, figs. 109-19; JANSMA, N. & GROOTH, M. de. 1971. pp. 2-9; TÖRÖK, L. 1971.

<sup>51</sup> MICHALOWSKI, K. 1964. pp. 79-94; ver também nota 39 acima.



5



6

5. Cabeça de Santa Ana: Mural da nave norte da catedral de Faras (século VIII).  
(Foto Unesco.)
6. Faras: Verga de porta decorada do início da era cristã (segunda metade do século VI ou início do século VII). (Foto Museu Nacional de Varsóvia.)

com base nesses documentos foram confirmadas por fragmentos de murais de outras igrejas núbias.

Era Faras, incontestavelmente, o centro artístico pelo menos da Núbia setentrional, nessa época<sup>52</sup>. O estilo das pinturas encontradas mais ao norte, em Abdallah Nirqi<sup>53</sup> e em Tamit<sup>54</sup>, ou ao sul, em Sonqi Tino<sup>55</sup>, é positivamente provinciano em comparação com as obras-primas de Faras.

Do começo do século VIII até meados do IX, os pintores núbios preferiram os tons violeta em suas composições. Havia, então, uma forte influência da arte copta, cujas tradições remontavam ao estilo expressivo dos retratos do Faium. Entre as obras mais representativas dessa fase, podemos situar a cabeça de Santa Ana de Faras (hoje no museu de Varsóvia)<sup>56</sup>. Entretanto, mesmo nessa obra, pode-se observar certa relação com a arte e os temas bizantinos<sup>57</sup>.

Depois, esse estilo evoluiu, e até meados do século X predomina a tonalidade branca, talvez refletindo o influxo da pintura sírio-palestina, onde é característica a representação de pregas duplas no vestuário e de outros traços iconográficos<sup>58</sup>. A fonte dessa evolução estaria talvez em Jerusalém, nesse tempo um local de peregrinação para todos os povos cristãos do Oriente.

Sabe-se que laços muito estreitos ligavam, na época, o reino monofisita da Núbia e a seita monofisita dos jacobitas de Antioquia. Tanto o diácono João<sup>59</sup> como Abu Salih<sup>60</sup> relatam que, durante o reinado de Kyriakos, o chefe da Igreja núbia era o patriarca monofisita (jacobita) de Alexandria. É também por esse tempo que aparece pela primeira vez na pintura núbia uma forte tendência realista, cujo melhor exemplo é o retrato do bispo Kyrios, de Faras (hoje no Museu de Cartum)<sup>61</sup>.

Durante as escavações, encontrou-se grande quantidade de objetos, entre os quais predominava, naturalmente, a cerâmica. Sobre eles, W. Y. Adams realizou estudos sistemáticos<sup>62</sup>, conseguindo identificar vestígios de um interessante desenvolvimento técnico, estilístico e sócio-econômico.

Após os progressos alcançados na época do Grupo X, a cerâmica modelada perdeu em criatividade, como se observa pela escassez de formas novas

<sup>52</sup> MICHALOWSKI, K. 1966.

<sup>53</sup> KLASENS, A. 1967. p. 85 et seq.; CASTIGLIONE, L. 1967. pp. 14-19; MOORSEL, P. Van. 1966. pp. 297-316; id. 1967. pp. 388-92; id. 1970. pp. 103-10; id. *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*. Barcelona, 1972. pp. 349-95; MOORSEL, P. Van, JACQUET, J. & SCHNEIDER, H. 1975.

<sup>54</sup> Missão Arqueológica da Universidade de Roma no Egito. Roma, 1967.

<sup>55</sup> DONADONI, S. & VANTINI, G. 1967. pp. 247-73; DONADONI, S. & CURTO, S. 1965. p. 123 et seq.; DONADONI, S. 1970. pp. 209-18.

<sup>56</sup> MICHALOWSKI, K. 1965-b. p. 188, il. II, 2; id. 1967. p. 109, il. 27, 32; ZAWADZKI, T. 1967. p. 289; MICHALOWSKI, K. 1970. fig. 16; MARTENS, M. 1972. p. 216, fig. 5.

<sup>57</sup> MICHALOWSKI, K. 1967-b. p. 74; JAKOBIELSKI, S. 1972. pp. 67-9; MARTENS, M. 1972. pp. 234-49.

<sup>58</sup> WEITZMANN, K. 1970. p. 337.

<sup>59</sup> PATROLOGIA ORIENTALIS. pp. 140-3.

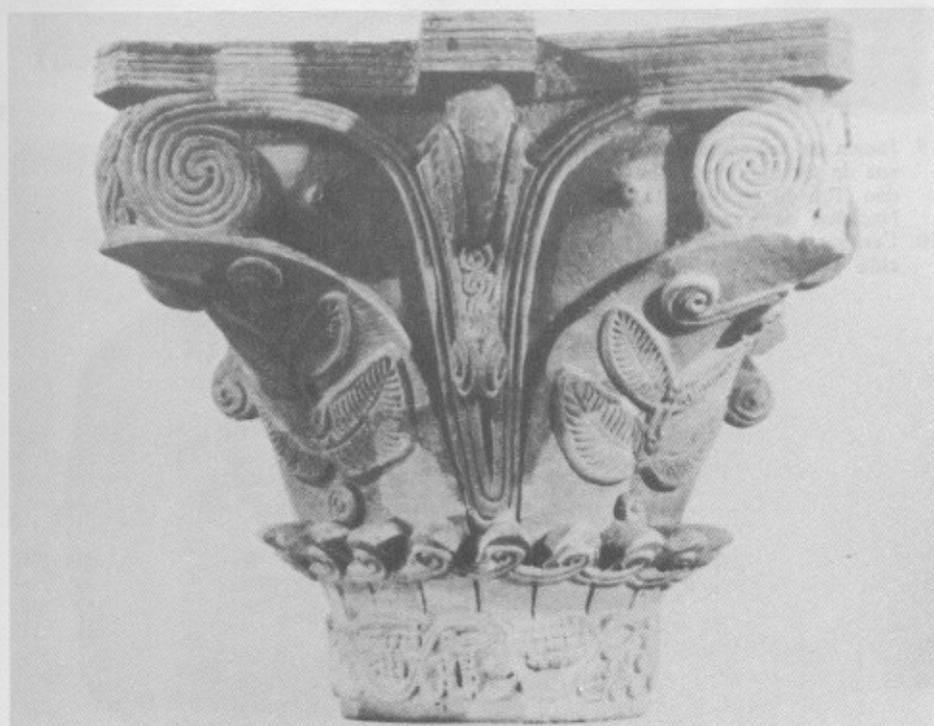
<sup>60</sup> EVETTS, B. T. A. & BUTLER, A. J. 1895; MONNERET DE VILLARD, U. 1938. pp. 135-6; GRIFFITH, F. L. 1925. p. 265.

<sup>61</sup> MICHALOWSKI, K. 1966-b. p. 14, il. VI, 2; id. 1967-b. p. 117, il. 37; JAKOBIELSKI, S. 1966. pp. 159-60, fig. 2 (lista); MICHALOWSKI, K. 1970. il. 9; MARTENS, M. 1972. pp. 240-1, 248 et seq.; JAKOBIELSKI, S. 1972. pp. 86-8, fig. 13.

<sup>62</sup> Mais recentemente, ADAMS, W. Y. 1970. pp. 111-23.



7



8

7. Fragmento de um friso decorativo em arenito do abside da catedral de Faras (primeira metade do século VII). (Foto Museu Nacional de Varsóvia.)
8. Faras: Capitel de arenito (primeira metade do século VII). (Foto Museu Nacional de Varsóvia.)



9

9. Janela em terracota da Igreja das Colunas de Granito na Velha Dongola, Sudão (fim do século VII). (Foto Museu Nacional de Varsóvia.)

10. Cerâmica da Núbia cristã. (Foto fornecida pelo dr. Gamal Mokhtar.)



10

e de padrões decorativos no início do período cristão. Também a cerâmica torneada sofreu uma evolução: se, por um lado, a produção de vasos para armazenamento e consumo de vinhos parece diminuir com a interrupção do comércio com o Mediterrâneo, por outro lado verifica-se um certo refinamento, aparecendo os primeiros vasos com suporte para facilidade de manipulação.

Mesmo antes de 750, grande parte da cerâmica usada no sul era proveniente de Assuã; esse fornecimento não foi interrompido mesmo quando os muçulmanos ocuparam o Egito.

Em suma: até o século IX, a Núbia gozou de um período inicial de prosperidade, sem ser muito perturbada pela vizinhança dos muçulmanos, em geral pacíficos. Não é fácil discernir uma unidade cultural entre as primeiras comunidades cristãs da Núbia. Em Faras, aristocratas e oficiais administrativos falavam grego, como também os dignitários da Igreja. O clero compreendia inclusive o copta, que talvez fosse a língua de muitos refugiados. Quanto ao dialeto núbio, embora largamente empregado pela população, não chegou até nós em forma escrita. Os registros que temos são de data bem mais recente, provavelmente não anterior a meados do século IX.

Estava ainda por vir, ao redor do ano de 800, o período áureo da Núbia cristã.